



EPIFENÔMENOS E ILUSÕES DO ESTAR

Marcelo Calderari Miguel

Resumo: a expressão poética mergulha nas correntes invisíveis que moldam o ser, onde a essência é um jogo de espelhos, sempre a poética em fuga. Entre a fluidez do "estar" e o enigma da identidade, o eu lírico conduz o leitor a questionar: existe a real essência da permanência? Em três partes, "Transitório", "Verbo Fugaz" e "Ciclos e Enganos", a poesia reflete um mundo onde o ser se dissolve no tempo, e o verbo se torna o único testemunho de nossa impermanência. O "estar" não é uma constante, mas uma metamorfose contínua, onde o ontem e o amanhã se tocam sem se projetar. Nesse prisma, o que somos é apenas um verbo intransitivo? Cada verso, uma pista; cada dúvida, um interruptor que provoca a exploração das infinitas transitoriedades de uma realidade que não se define.

Palavras-chave: Identidade coletiva; Transitoriedade social; Poética filosófica

Epiphenomena and Illusions of Presence

Abstract: this poetic expression plunges into the invisible currents that shape being, where essence unfolds as a hall of mirrors, and poetics itself is in perpetual flight. Between the fluidity of being and the to permanence? In three parts – Transitório, Verbo Fugaz, and Ciclos e Enganos – enigma of identity, the lyrical voice invites the reader to question: is there a true essence poetry reflects a world in which the self dissolves into time, and the verb becomes the only testimony of our impermanence. Being is not a constant, but a continuous metamorphosis, where yesterday and tomorrow brush against each other without coalescing. From this perspective, are we nothing more than an intransitive verb? Each verse offers a clue; each doubt, a switch that opens pathways into the infinite transitoriness of a reality that resists definition.

Keywords: Collective identity; Social transience; Philosophical poetics.

Transitório

Eu estou – mas será que sou?
O verbo, inquieto, desliza entre o que é e o que vai,
Hoje presença, amanhã eco que se desfaz,
Um reflexo no rio que o tempo já levou,
Estar é só instante, é sopro que nunca se fixou.

Estar é máscara, é pele que muda de cor,
É o abraço breve que o vento desmancha,
É o sorriso que flui, mas nunca se aninha,
É o ontem que dança com o hoje sem pudor,
Enquanto o amanhã espreita, cético, o que já não sou.

Estar é o verbo que se recusa a ser raiz,
É caminho que se molda ao pé que passa,
É a flor que desabrocha antes da despedida,
É o cais que abraça o barco, mas o deixa partir,
Estar é o mutável – nunca prisão, sempre vertigem.

E assim, no espelho de estar, reflito o que escapa,
O tempo que me veste e me despe num mesmo suspiro,
Sou fragmento, sou vento, sou sombra e semente,
Estar me ensina que o ser é apenas ilusão,
Pois tudo que estou, um dia, será apenas silêncio.

Verbo Fugaz

Estou em teco-teco... ou estou fingindo?
O verbo me engana, me escapa, me irrita,
Ontem estava, hoje já não sei mais,
No espelho me vejo, mas quem me garante que sou eu?
Afinal, quem é que nunca esteve e depois já não foi?

Estou aqui, mas será que estou mesmo?
Acordo, vejo o relógio – mas não estou muito certa de quem sou,
Eu estava de bom humor, mas... agora, que coisa!
Mudo de ideia, mudo de roupa, mudo de cara,
Estar, na real, é só um truque do verbo – nem é lá tão confiável!

Estou cansada de tanto "estar"!
Às vezes estou ótima, às vezes estou péssima,
Estou fugindo do meu próprio estar,
Mas, quando me dou conta, lá estou eu, mais uma vez,
No ciclo do "estar", sendo e não sendo, sem parar!

E eu estou... mas você também está, não está?
Estamos todos em alguma coisa, mas onde é que estamos?
Eu estou indo, você está vindo – será que estamos juntos, ou longe?
Estar é um truque, um disfarce... nunca muito fiel,
Porque, no final das contas, estaremos sempre no que já não está mais!

Ciclos e Enganos

Quem de nós não se perde, não se desintegra?
A mão fria bate – quem se recompleta?
A roda gira, autogirante, sem direção,
Meio cheio, meio oco – quem tem razão?
A tarifa sobe, silente, sem saída,
O bolso sufoca, a esperança, vencida.
E quem paga o pato quando a trama é fingida?

No labirinto dos dias, quem acha o caminho?
Cada passo é tropeço, e seguimos sozinhos.
Quem se desmantela? Todos, de quando em quando,
Sonhos ruem – mas seguimos, nos inventando.
As estatísticas somem como fumaça no ar.
O futuro? Já foi. Quem se atreve a buscar?

O relógio grita “colapso” – sem compaixão.
E o povo? Se perde, crendo na salvação.
Escapismo é truque, fuga bem ensaiada,
O mercado afunda, e ninguém vê a jornada.
A elite gargalha lucro – riso venenoso,
Enquanto a crise se alastra, em tom rigoroso.

O povo aplaude, mas chora na nostalgia,
O “grande” festeja, barriga cheia, euforia.
Mudança? Muda-se o verbo – não a conduta.
E o amanhã? Talvez venha... ou se oculta.
O que sobra afinal? Nada que se sustente —
Só um palco vazio, e a ignóbil cena ausente.

A ilusão é moeda de quem ainda insiste,
Promessas no vento – quem nelas persiste?
Tudo muda, tudo some – o que permanece?
Apenas o que se entrega, o que se esquece.
Quem dita o fim? Quem comanda essa trama?
A cortina desce... mas o enredo ainda chama